

## **INICIAÇÃO SEXUAL E USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO NO INTERIOR DO AMAZONAS**

*Thaís Muniz de Queiroz<sup>1</sup> e Maria Giovana Nascimento Bispo<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O Norte do Brasil é a região com maior índice de gravidez na adolescência, um problema de saúde pública que impõe riscos à saúde e resulta em altos índices de abandono escolar. Entre 2019 e 2023, Eirunepé-AM registrou mais de um terço (35%) dos nascimentos por mães menores de 19 anos. Diante disso, o objetivo deste estudo foi investigar, no município, a iniciação sexual e o uso e abandono de métodos contraceptivos entre adolescentes de ambos os sexos, matriculados no Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Para coleta de dados, realizou-se a aplicação de um questionário anônimo em formato digital. Dos 163 participantes, 57,1% responderam já ter relações sexuais, o que aponta para a necessidade de conhecimentos acerca da contracepção. A idade de iniciação sexual predominante foi de 14,5 anos para as meninas e 15 anos para os meninos. O tipo de parceiro na sexarca foi majoritariamente namorado para as meninas (64,6%) e parceiras(os) casuais (52,3%) para os meninos. Na primeira relação sexual, 72% dos participantes utilizaram camisinha masculina e 19% utilizaram métodos de baixa eficácia ou nenhum método. Nas relações sexuais posteriores, a pílula emergencial foi utilizada por 31% das meninas, evidenciando a ocorrência de relações sexuais desprotegidas ou falha no uso de métodos contraceptivos. A indisponibilidade da camisinha, o incômodo ao usar e a confiança no parceiro foram os motivos mais frequentes para abandono do preservativo. Conclui-se que compreender o comportamento sexual dos jovens é essencial para planejar intervenções educativas adequadas à realidade local e prevenir a gravidez na adolescência. Além de orientar políticas públicas, os resultados reforçam a importância de ações pedagógicas e de extensão voltadas à disseminação de informações sobre contracepção segura.

**Palavras-chave:** Iniciação sexual; Métodos contraceptivos; Gravidez na adolescência.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. E-mail: [thais.muniz@ifam.edu.br](mailto:thais.muniz@ifam.edu.br)

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. E-mail: [giovanabispo37@gmail.com](mailto:giovanabispo37@gmail.com)

## **SEXUAL INITIATION AND USE OF CONTRACEPTIVE METHODS AMONG HIGH SCHOOL ADOLESCENTS IN A REMOTE TOWN OF AMAZONAS**

### **ABSTRACT**

The Northern region of Brazil has the highest rates of teenage pregnancy, a public health issue that poses risks to health and leads to high school dropout rates. Between 2019 and 2023, Eirunepé-AM recorded that 35% of births were to mothers under the age of 19. This study aimed to investigate sexual initiation and the use and discontinuation of contraceptive methods among adolescents of both sexes enrolled in high school at the Federal Institute of Amazonas (IFAM) in Eirunepé. Data collection was conducted through an anonymous digital questionnaire administered to students aged 14 to 19. Of the 163 participants, 57.1% reported having had sexual relations, highlighting the need for knowledge about contraception. The average age of sexual initiation was 14.5 years for girls and 15 years for boys. The type of partner for the first sexual encounter was predominantly a boyfriend for girls (64.6%) and casual partners (52.3%) for boys. During the first sexual encounter, 72% of participants used male condoms, while 19% used low-efficacy methods or no method at all. In subsequent sexual encounters, emergency contraception was used by 31% of the girls, highlighting the occurrence of unprotected sex or failure in contraceptive use. The most common reasons for abandoning condoms were their unavailability, discomfort in use, and trust in the partner. It is concluded that understanding young people's sexual behavior is essential for planning educational interventions suited to the local reality and preventing teenage pregnancy. In addition to guiding public policies, the results reinforce the importance of pedagogical and outreach actions aimed at disseminating information on safe contraception.

**Keywords:** Sexual initiation; Contraceptive methods; Teenage pregnancy.

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência constitui-se em uma fase de descobertas, incertezas e dúvidas, sendo a sexualidade um dos pontos centrais dessa etapa. Para que a iniciação sexual ocorra de forma segura e saudável, é fundamental promover o uso de métodos contraceptivos aliados a uma educação sexual ampla. Essa abordagem deve englobar não apenas anatomia e fisiologia reprodutiva, mas também a prevenção de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), questões de gênero e o fortalecimento da autonomia sobre o próprio corpo (Molina et al., 2015). A gravidez indesejada na adolescência evidencia a falta de informação e a persistência de tabus em torno da sexualidade, que continuam a ser barreiras a uma vivência plena da sexualidade.

Durante as aulas da disciplina de Biologia do Ensino Médio, na cidade de Eirunepé/AM, muitos jovens relatam já ter iniciado a vida sexual. Ao mesmo tempo, demonstram grande defasagem em seus conhecimentos sobre o corpo humano e a sexualidade, frequentemente imersos em crenças e senso comum, vivenciando a iniciação sexual em meio à culpa e à curiosidade desinformada. Nesse mesmo contexto, um número relevante de meninas fica grávida durante a adolescência. Entre os anos de 2019 e 2023, mais de um terço dos nascidos vivos no município foram filhos de mães menores de 19 anos (35,4%), totalizando 1.195 crianças. Desses, 84 nasceram de meninas com menos de 14 anos (7%), conforme dados da Secretaria Municipal de Saúde de Eirunepé.

Situada a aproximadamente 1.160 km da capital do estado do Amazonas, Eirunepé é um município extremamente isolado, sem acesso rodoviário, contando apenas com ligações aéreas com Manaus e municípios do interior do Acre (Sousa, Souza, 2020). O transporte fluvial até Manaus é restrito a mercadorias, uma vez que o percurso pode durar de 15 a 35 dias. Em uma cidade isolada e com alto grau de pobreza (PNUD, 2013), a maioria dos jovens é oriunda de famílias de baixa renda e baixa escolaridade — fatores que predisõem à gravidez na adolescência (Cruz, Carvalho, Irffi, 2016).

Diante disso, estudos que investiguem o comportamento dos jovens e as principais lacunas em seus conhecimentos são fundamentais para o direcionamento de ações educativas e políticas públicas, visando à redução das taxas de gravidez na adolescência. Com esse objetivo, este projeto investigou o comportamento sexual e o uso de métodos contraceptivos entre adolescentes de 14 a 19 anos, de ambos os sexos, matriculados no Ensino Médio do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) – Campus Eirunepé.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A palavra adolescência, do latim *adolescere*, significa “crescer” (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010). Trata-se de um crescimento não apenas físico, marcado pelas mudanças fisiológicas e hormonais da puberdade, mas também de um processo de transformações psicossociais decorrentes de alterações cognitivas e emocionais.

Não há consenso quanto ao período que define a adolescência. Para a Organização Mundial da Saúde e para o Ministério da Saúde do Brasil, a adolescência compreende o período dos 10 aos 19 anos (Ministério da Saúde, 2007), sendo mais amplo que o adotado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que a considera dos 12 aos 18 anos (Brasil, 1990). Ao definir adolescência, o ECA, por meio do Art. 8º-A, estabelece que a gravidez nessa fase da vida deve ser evitada e que medidas educativas devem ser implementadas.

Os motivos para se evitar a gravidez na adolescência são diversos. Além de impor riscos à mãe e ao bebê, ela resulta em altos índices de abandono escolar e na queda da qualificação profissional de jovens em idade precoce (Nascimento et al., 2021). De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, entre as adolescentes que já tinham filhos, 75% já não estavam frequentando a escola, enquanto entre aquelas sem filhos essa taxa cai para 6,1% (Fontoura; Pinheiro, 2010; Ministério da Saúde, 2022).

No Brasil, a gravidez na adolescência constitui um problema de saúde pública. Segundo dados do Ministério da Saúde reunidos pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), são registrados mais de 19 mil nascidos vivos por ano de mães com idade entre 10 e 14 anos. Observa-se uma taxa elevada em comparação ao restante do mundo: 53 adolescentes grávidas a cada mil no Brasil, enquanto no cenário global são 41 (UNFPA, 2021).

Há também diferenças regionais significativas. Conforme a análise do perfil socioeconômico da gravidez na adolescência no Brasil, realizada por Cruz et al. (2016) com base em dados da PNDS de 2006, a região Norte apresenta o maior índice de gravidez na adolescência, com 67,4% das mulheres analisadas tendo engravidado antes dos 19 anos. Modificar esse quadro é uma tarefa que envolve sensibilização, educação e, sobretudo, a ruptura do ciclo da pobreza.

### **3. METODOLOGIA**

#### **Perfil e contexto socioeconômico dos participantes**

O estudo foi realizado com adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 14 e 19 anos, matriculados no Ensino Médio Técnico Integrado do IFAM – Campus Eirunepé. De acordo com os dados de registro acadêmico dos alunos matriculados entre 2021 e 2023, os estudantes atendidos pela instituição possuíam, nesse período, renda familiar bruta per capita média de R\$ 689,00 (inferior a um salário mínimo) e mediana de R\$ 396,00 (inferior a meio salário mínimo), sendo, em sua maioria, autodeclarados pardos (81%).

O município de Eirunepé (AM) apresenta uma realidade muito específica, marcada pela pobreza e pela baixa escolaridade, fatores que se relacionam à sua grande distância da capital do estado. De acordo com o Censo 2010, seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,563, e a taxa de analfabetismo entre adultos de 25 anos ou mais corresponde a 55,4%, conforme dados da PNAD 2018 (Atlas Brasil, 2022).

#### **Procedimentos éticos**

Atendendo aos princípios éticos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFAM, esta pesquisa foi aprovada sob o Parecer nº 5.909.088. A participação no estudo foi voluntária. Os participantes menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e

Esclarecido (TALE) e apresentaram o consentimento de seus responsáveis legais por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes maiores de idade assinaram o TCLE.

### Coleta de dados

O levantamento dos dados foi realizado por meio da aplicação de um questionário estruturado em formato digital e autopreenchido, composto por cinco seções (Quadro 1), desenvolvido para este estudo a partir de modelos utilizados na literatura (Molina et al., 2015; Barboza et al., 2021). O questionário foi disponibilizado no Laboratório de Informática do campus, em horário escolar, e sua aplicação foi supervisionada pela pesquisadora e por uma bolsista do projeto. Garantiu-se o anonimato dos participantes.

Quadro 1 – Estruturação do questionário digital.

| Seção | Tema                                                                              | Variáveis                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1     | Dados sociodemográficos                                                           | Sexo; idade; série escolar; estado civil; se tem filhos; idade dos pais.                                                                                                                                                                                                                   |
| 2*    | Conhecimento sobre métodos contraceptivos                                         | Afirmarções sobre os métodos contraceptivos com alternativas “verdadeiro” ou “falso”;                                                                                                                                                                                                      |
| 3     | Iniciação sexual                                                                  | Se já teve ou não relação sexual;                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 4*    | Dados da iniciação sexual e uso de métodos contraceptivos                         | Idade da primeira relação sexual e sexo do parceiro; método contraceptivo usado na primeira relação sexual e após a sexarca; frequência de uso; motivos do uso e abandono do preservativo; quais fontes de informação utilizam para escolher e tirar dúvidas sobre métodos contraceptivos. |
| 5     | Expectativas sobre comportamento sexual e importância dos métodos contraceptivos. | Motivos pelos quais considera importante o uso de métodos contraceptivos; motivos pelos quais acha que alguns de seus colegas não os utilizam; qual método escolheria para si.                                                                                                             |

\*As respostas à Seção 2 e a algumas da Seção 4 não são apresentadas neste artigo, pois serão analisadas posteriormente. Fonte: Autores.

Todos os participantes responderam às Seções 1 e 2. Na Seção 3, caso declarassem já ter tido relações sexuais, eram direcionados à Seção 4; em caso negativo, à Seção 5. O questionário foi estruturado de forma a conter caminhos com número equivalente de questões, garantindo tempo semelhante de resposta e evitando a exposição de experiências pessoais dos participantes. As questões contemplaram experiências heterossexuais e

homossexuais, e alguns termos foram acompanhados de explicações entre parênteses para facilitar a compreensão.

Após a coleta, os dados foram tabulados e analisados por meio de estatísticas descritivas e testes de hipótese.

### **Análise de dados**

As comparações entre variáveis binárias e variáveis quantitativas foram realizadas por meio do teste não paramétrico de Mann-Whitney, adotando-se um nível de significância de 5%. As análises estatísticas foram conduzidas no software R.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Participaram da pesquisa 163 adolescentes, com idades entre 14 e 19 anos ( $\bar{x}$  = 16,2 anos;  $s$  = 1,1), todos solteiros e matriculados no 1º ano (45,4%), 2º ano (26,4%) e 3º ano (28,2%) do Ensino Médio. O número de moradores por domicílio variou de 2 a 10 pessoas ( $\bar{x}$  = 4,4). A participação do sexo feminino (58,9%) foi superior à do sexo masculino (41,1%).

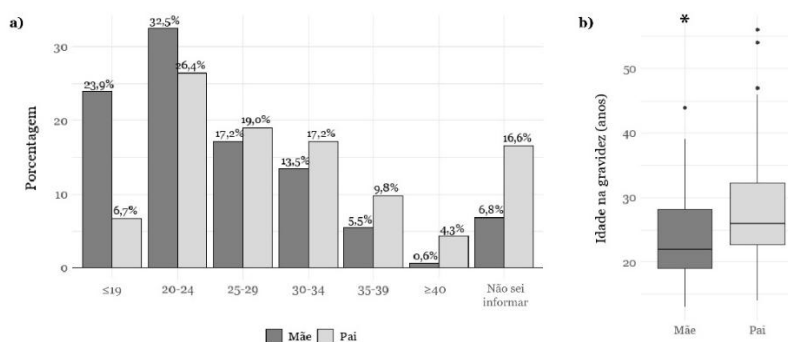
Em relação à presença de filhos, um participante do sexo masculino (16 anos) informou que a companheira estava grávida, e dois (18 e 19 anos) relataram já serem pais de crianças com menos de 1 ano de idade.

Para verificar se os participantes eram filhos(as) de pais jovens, estimou-se a idade dos pais no nascimento do participante por meio da subtração da idade do participante da idade atual dos pais (Figura 1A). Os dados revelaram maior proporção de mães adolescentes (23,9%) em comparação aos pais na mesma faixa etária (6,7%). A idade mínima das mães na gestação foi de 13 anos, e a dos pais, de 14 anos.

A idade mediana das mães foi de 22 anos, enquanto a dos pais foi de 26 anos, conforme o boxplot apresentado na Figura 1B, no qual a linha interna representa a mediana, as extremidades da caixa indicam os quartis e os pontos fora dos limites correspondem a outliers. Os resultados do teste de Mann-Whitney indicaram diferença estatisticamente significativa entre as idades de mães e pais durante a gravidez ( $p < 0,001$ ).

Verificou-se, portanto, que aproximadamente um quarto das mães dos participantes engravidaram na adolescência, com idade igual ou inferior a 19 anos. Os dados, entretanto, não permitiram identificar se essa foi a primeira gestação dessas mães.

Figura 1 - Comparação entre as idades de mães e pais no momento do nascimento dos participantes.  
a) Percentual por faixa etária. b) Boxplot (diferença estatisticamente significativa indicada por \*).



Fonte: Próprio autor, 2024.

A gravidez precoce tende a se repetir entre gerações. Utilizando dados da Pesquisa Nacional Longitudinal da Juventude de 1997, Meade et al. (2008) constataram que filhas de mães adolescentes têm 66% mais probabilidade de também se tornarem mães adolescentes. Assim, há uma forte tendência de que esse ciclo se perpetue na região Norte do Brasil, que apresenta o maior índice de gravidez na adolescência do país (Cruz; Carvalho; Irffi, 2016), tornando a gravidez precoce uma experiência recorrente dentro das famílias.

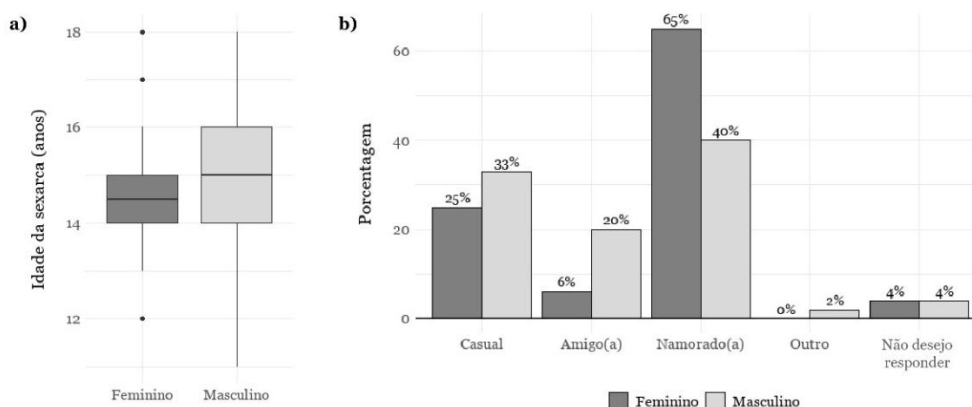
É importante destacar que nem toda gravidez na adolescência é indesejada. Especialmente entre meninas de baixa renda, a maternidade pode contribuir subjetivamente para a construção da identidade pessoal, funcionando como uma forma de se sentirem mais adultas e socialmente reconhecidas (Fontoura; Pinheiro, 2010). A gravidez na adolescência é mais frequente em famílias com renda média per capita de até meio salário mínimo (Fontoura; Pinheiro, 2010), realidade compartilhada por grande parte das famílias analisadas neste estudo. Nesse contexto, a ausência de perspectivas profissionais pode levar os jovens a priorizarem projetos de vida pessoais, como a maternidade precoce, evidenciando a influência do contexto social na compreensão desse fenômeno.

### Iniciação sexual

A seção seguinte do questionário investigou o comportamento dos jovens em relação à iniciação sexual. Do total de participantes, 93 dos 163 adolescentes (57,1%) relataram já ter tido relações sexuais. Dentre esses, a maioria era do sexo masculino – 67% dos meninos (n = 45) contra 50% das meninas (n = 48).

A mediana da idade de iniciação sexual foi de 15,0 anos (n = 93), sendo 15,0 anos para os meninos e 14,5 anos para as meninas, conforme mostra o boxplot na Figura 2A. O teste de Mann-Whitney indicou que não houve diferença estatisticamente significativa entre as idades (p = 0,146).

Figura 2 – Comparação da idade e tipo de parceiro na primeira relação sexual entre o sexo feminino e masculino. a) Idade na sexarca (Boxplot). b) Tipo de parceiro na sexarca.



Fonte: Próprio autor, 2024.

No presente estudo, a média de idade da iniciação sexual masculina foi de aproximadamente 15 anos. Outros estudos encontraram idades semelhantes, como Borges e Schor (2005), que investigaram jovens de 15 a 19 anos, majoritariamente negros, em domicílios na cidade de São Paulo; Delatorre e Dias (2015), que, por outro lado, analisaram estudantes universitários predominantemente brancos em um município do interior do Rio Grande do Sul; Mendonça e Araújo (2010), que estudaram adolescentes em três cidades do Piauí; e Portela e Araújo (2013), em escolas públicas do interior do Maranhão.

A iniciação sexual feminina neste estudo ocorreu, em média, aos 14,5 anos, novamente em consonância com outros trabalhos brasileiros, como os de Patias e Dias (2014) e Delatorre e Dias (2015), realizados no Rio Grande do Sul, e de Spinola (2020), no Pará, nos quais a primeira relação sexual das adolescentes ocorreu antes dos 15 anos. Em um estudo conduzido em Alagoas, Barboza et al. (2021) identificaram uma idade média de 16 anos em uma amostra de universitárias – valor semelhante ao observado por Portela e Araújo (2013) em jovens não brancas e de baixa renda de escolas públicas do Maranhão. As médias de idade na sexarca tendem a ser mais baixas em amostras populacionais mais jovens, uma vez que excluem do cálculo uma proporção maior de indivíduos que ainda não iniciaram a vida sexual.

O tipo de parceiro(a) na primeira relação sexual foi predominantemente “namorado(a)” para as meninas (64,6%), contra 40% para os meninos (Figura 2B). Para estes, relacionamentos casuais ou com amigos(as) foram mais frequentes, totalizando 52,3% das primeiras relações, em contraste com 31,3% entre as meninas. Esse comportamento, influenciado pelo sexo, foi igualmente observado em outros estudos (Delatorre; Dias, 2015; Spinola, 2020; Tronco; Dell’Aglio, 2012; Mendonça; Araújo, 2010).

A iniciação sexual das meninas ocorreu exclusivamente com o sexo oposto (100%). Entre os meninos, 78% relataram iniciação sexual com o sexo oposto, 18% com o mesmo sexo e dois participantes optaram por não responder. O conceito de “iniciação sexual” não foi explicitado no questionário, sendo possível que tenha havido uma interpretação falocêntrica do termo – isto é, a compreensão de que a perda da virgindade ocorre apenas mediante penetração, exigindo, portanto, a presença de um homem (Brito, 2020). Em entrevistas realizadas por Soares et al. (2008), observou-se que o conceito de sexualidade entre os jovens era limitado às relações entre pessoas de sexos opostos. O fato de os meninos identificarem as relações homossexuais como “perda da virgindade” reforça o mito falocêntrico de que o ato sexual depende da penetração. Por outro lado, é possível que as meninas não tenham reconhecido as relações homossexuais femininas como iniciação sexual pelo mesmo motivo.

### Método contraceptivo utilizado na primeira relação sexual

A respeito do método contraceptivo utilizado na primeira relação sexual, considerando apenas as respostas relativas às relações heterossexuais (Tabela 1), uma parcela relevante de ambos os sexos declarou ter usado camisinha (72%). O uso de anticoncepcional oral correspondeu a apenas 4% das respostas totais, e a dupla proteção (camisinha + anticoncepcional) a apenas 2%. Um número expressivo não utilizou nenhum método (13%), sendo esse comportamento mais frequente entre os participantes do sexo masculino (17%) do que entre os do sexo feminino (10%), o que sugere uma discrepância de gênero na responsabilidade de evitar gravidez ou ISTs, conforme já constatado por Soares et al. (2014).

Tabela 1 – Tipo de método contraceptivo utilizado na primeira relação sexual e nas relações seguintes.

| Método contraceptivo                   | Na primeira relação * |                      |              | Nas relações seguintes ** |                      |              |
|----------------------------------------|-----------------------|----------------------|--------------|---------------------------|----------------------|--------------|
|                                        | Sexo masculino (n=35) | Sexo feminino (n=48) | Total (n=83) | Sexo masculino (n=35)     | Sexo feminino (n=48) | Total (n=83) |
| Camisinha masculina, apenas            | 71%                   | 73%                  | 72%          | 86%                       | 73%                  | 78%          |
| Camisinha feminina, apenas             | 0%                    | 0%                   | 0%           | 0%                        | 0%                   | 0%           |
| Anticoncepcional oral (pílula), apenas | 6%                    | 2%                   | 4%           | 11%                       | 19%                  | 16%          |
| Anticoncepcional injetável, apenas     | 0%                    | 0%                   | 0%           | 0%                        | 21%                  | 12%          |
| Camisinha + anticoncepcional           | 3%                    | 2%                   | 2%           | 23%                       | 10%                  | 16%          |
| Coito interrompido                     | 3%                    | 4%                   | 4%           | 17%                       | 13%                  | 14%          |
| Tabelinha                              | 0%                    | 0%                   | 0%           | 9%                        | 2%                   | 5%           |
| Pílula emergencial                     | 0%                    | 4%                   | 2%           | 9%                        | 31%                  | 22%          |
| Não utilizei/utilizo nenhum método     | 17%                   | 10%                  | 13%          | 0%                        | 2%                   | 1%           |
| Não desejo responder                   | 0%                    | 4%                   | 2%           | 3%                        | 2%                   | 2%           |

\* Permitido assinalar somente uma opção.

\*\* Permitido assinalar mais de uma opção.

Fonte: Próprio autor, 2024.

Ao comparar o uso de proteção por mulheres brasileiras na primeira relação sexual, Cruz et al. (2016) verificaram que, na região Norte, apenas 16% das mulheres se preveniram na primeira relação. No município de Santarém (PA), Spinola (2020) observou que, embora 100% das participantes que engravidaram na adolescência afirmassem ter conhecimento sobre ISTs e métodos contraceptivos, 54% não fizeram uso de nenhum método na primeira relação. Em contraste, os dados coletados no presente estudo sugerem uma maior preocupação com o uso de métodos contraceptivos, já que 78% dos participantes declararam ter utilizado algum deles. Esse índice é semelhante ao encontrado na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2012 (83,9%) e ligeiramente superior ao da edição de 2019 (67,7%), que considerou o uso de métodos contraceptivos na última relação sexual entre estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental que já haviam iniciado a vida sexual (IBGE, 2019).

Contudo, alguns adolescentes apontaram o uso de métodos de baixa eficácia, como o coito interrompido e a pílula emergencial, o que sugere ausência de prevenção eficaz e planejada. O índice de não uso somado ao de baixa eficácia totaliza 19% das respostas, indicando a prática de relações desprotegidas em aproximadamente uma a cada cinco relações sexuais na sexarca.

### **Escolha e frequência de uso de métodos contraceptivos após a sexarca**

Nas relações posteriores à sexarca, o preservativo masculino permaneceu como o método mais citado, tanto entre os participantes do sexo masculino (86%) quanto entre os do sexo feminino (73%), correspondendo a 78% do total. O uso de anticoncepcionais oral e injetável passou a ser mencionado após a sexarca, representando 16% e 12% das respostas, respectivamente. Também aumentou o uso concomitante da camisinha e do anticoncepcional (16%), em contraste com os 2% registrados na sexarca. Métodos contraceptivos comportamentais tornaram-se mais frequentes, especialmente o coito interrompido (14%).

As escolhas de métodos contraceptivos e os comportamentos sexuais tendem a se modificar após a primeira relação sexual. Observa-se, por exemplo, um aumento no uso isolado da pílula anticoncepcional em relações com parceiros fixos, em função da confiança estabelecida, enquanto o preservativo masculino continua sendo o método preferido em relações casuais (Alves & Brandão, 2009). De modo semelhante, o coito interrompido pode ter sido adotado como substituto à camisinha em relações fixas, considerando que a confiança no parceiro foi indicada por 13% dos participantes como motivo para o abandono do preservativo (Tabela 3).

O método contraceptivo que apresentou maior aumento foi a pílula emergencial (“pílula do dia seguinte”), cujo uso passou de 2% na primeira relação sexual para 22% nas relações subsequentes. Esse crescimento foi ainda mais expressivo entre as meninas: 31% relataram já ter feito uso. Esse índice é três vezes superior ao observado na Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 2006, na qual apenas 10,4% das entrevistadas entre 15 e 19 anos relataram ter utilizado a pílula do dia seguinte, em uma amostra de 15.575 brasileiras (Ministério da Saúde, 2008).

Os participantes também foram questionados quanto à frequência do uso de métodos contraceptivos (Tabela 2). Considerando somente as relações heterossexuais, 52,4% afirmaram usar sempre, seguidos de 27,4% que relataram já ter deixado de usar, porém raramente. Por fim, 20,2% declararam “às vezes uso, às vezes não”. Nenhum participante assinalou “não uso”.

Tabela 2 – Frequência do uso de métodos contraceptivos nas relações heterossexuais.

| Frequência de uso                   | Sexo masculino<br>(n=39) | Sexo feminino<br>(n=45) | Total<br>(n=84) |
|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------|-----------------|
| Uso sempre                          | 61,5%                    | 44,4%                   | 52,4%           |
| Já deixei de usar, mas poucas vezes | 15,4%                    | 37,8%                   | 27,4%           |
| Às vezes uso, às vezes não          | 23,1%                    | 17,8%                   | 20,2%           |
| Não uso                             | 0,0%                     | 0,0%                    | 0,0%            |

Fonte: Próprio autor, 2024.

### Motivos do uso e abandono do preservativo

Restringindo as duas seguintes perguntas ao uso do preservativo, observou-se que as meninas demonstraram maior preocupação com a gravidez (92%) do que os meninos (80%) (Tabela 3). Ambos os sexos apresentaram preocupação semelhante quanto à prevenção de ISTs, sendo este o motivo mais recorrente (88%). Motivos como higiene, exigência do(a) parceiro(a) e facilidade de obtenção foram mais mencionados pelo sexo masculino do que pelo feminino.

Ao investigar os motivos para o uso infrequente ou abandono do preservativo (Tabela 3), 20% dos participantes optaram por não responder, representando o maior índice de abstenções do questionário. Esse dado pode indicar sentimentos de vergonha ou culpa associados ao não uso de métodos contraceptivos – comportamento também observado por Spinola (2020).

A indisponibilidade de preservativos no momento da relação sexual foi apontada por 29% dos participantes, com índices semelhantes entre os sexos. Já a diminuição do prazer e o incômodo foram citados por 19%, igualmente sem diferença entre gêneros. Em contraste, no estudo de Spinola (2020), apenas 5% das meninas indicaram a diminuição do prazer como motivo para o não uso da camisinha, o que evidencia possíveis diferenças contextuais entre os estudos.

Tabela 3 – Motivos do uso e abandono/uso infrequente do preservativo nas relações sexuais dos participantes que já iniciaram a vida sexual.

| Motivos de uso do preservativo*                                    | Sexo masculino (n=45) | Sexo feminino (n=48) | Total (n=93) |
|--------------------------------------------------------------------|-----------------------|----------------------|--------------|
| Para evitar doenças/ISTs                                           | 89%                   | 88%                  | 88%          |
| Para evitar a gravidez                                             | 80%                   | 92%                  | 86%          |
| Porque é mais limpo (higiene)                                      | 27%                   | 13%                  | 19%          |
| Porque o(a) parceiro(a) exigiu ou foi combinado com ele            | 24%                   | 8%                   | 16%          |
| Porque é fácil de obter                                            | 16%                   | 0%                   | 8%           |
| Para evitar efeitos colaterais dos métodos hormonais               | 11%                   | 2%                   | 6%           |
| Não sei                                                            | 2%                    | 0%                   | 1%           |
| Não desejo responder                                               | 0%                    | 2%                   | 1%           |
| Motivos para uso infrequente ou abandono do preservativo*          | Sexo masculino (n=45) | Sexo feminino (n=48) | Total (n=93) |
| Não tinha camisinha                                                | 27%                   | 31%                  | 29%          |
| Não desejo responder                                               | 22%                   | 19%                  | 20%          |
| Porque diminui o prazer / incomoda                                 | 18%                   | 21%                  | 19%          |
| Porque uso anticoncepcional (pílula)                               | 9%                    | 17%                  | 13%          |
| Porque confio no meu parceiro(a)                                   | 13%                   | 13%                  | 13%          |
| Não lembrei de colocar                                             | 13%                   | 13%                  | 13%          |
| Com tempo de relação, eu e meu(minha) parceiro(a) deixamos de usar | 4%                    | 6%                   | 5%           |
| Estava sob efeito de álcool/drogas                                 | 4%                    | 6%                   | 5%           |
| Meu parceiro(a) não aceita                                         | 0%                    | 2%                   | 1%           |
| Não acho importante                                                | 0%                    | 0%                   | 0%           |

\* Permitido assinalar mais de uma opção.

Fonte: Próprio autor, 2024.

### Percepção dos participantes que não iniciaram a vida sexual

Os participantes que declararam não ter iniciado a vida sexual (não iniciados, 43%) foram direcionados a uma seção específica do questionário, onde puderam expressar suas percepções sobre o uso de métodos contraceptivos em seu contexto social.

Quanto à importância do uso de preservativos, os motivos mais apontados foram semelhantes aos dos colegas que já iniciaram a vida sexual (iniciados, 57%), destacando-se a prevenção da gravidez (86%) e das ISTs (87%). Em relação aos motivos para o abandono do preservativo observados em seu meio social, os participantes não iniciados mencionaram principalmente a diminuição do prazer (60% no total, sendo 73% entre os meninos) e a falta de percepção da importância do uso (59%). O efeito de drogas e álcool também foi frequentemente citado pelos meninos não iniciados (68%) como fator associado ao abandono do preservativo. Curiosamente, essas razões não figuraram entre as mais frequentes entre os participantes iniciados, podendo refletir o senso comum ou experiências relatadas entre amigos, mas omitidas na pesquisa pelos próprios adolescentes sexualmente ativos.

A confiança no parceiro (40%) e a recusa do parceiro em usar o preservativo (36%) foram mencionadas como motivos para o abandono por mais de um terço dos participantes não iniciados – fatores pouco assinalados pelos adolescentes iniciados. Novamente, é possível que tais respostas revelem aspectos sensíveis, mais facilmente expressos por jovens que ainda não vivenciaram a experiência sexual.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os participantes desta pesquisa foram adolescentes de uma região geograficamente isolada no Norte do Brasil, inseridos em um contexto marcado por baixa escolaridade, condições socioeconômicas desfavoráveis e alta incidência de gravidez na adolescência. Esse cenário evidencia a urgência de investigação e de ações que assegurem o direito desses jovens à saúde sexual e ao planejamento familiar.

Pesquisas como esta são essenciais para identificar as necessidades de populações frequentemente marginalizadas, verificar se há homogeneidade no comportamento sexual de adolescentes em diferentes regiões do país e compreender as diferenças entre meninas e meninos na prevenção da gravidez precoce.

Além de subsidiar políticas públicas, os resultados também contribuem para orientar abordagens pedagógicas e ações de extensão voltadas à disseminação de informações sobre métodos contraceptivos seguros e eficazes junto à comunidade local, reafirmando o compromisso dos Institutos Federais com o desenvolvimento social. É urgente que a educação sexual esteja cada vez mais presente nas escolas, para que mitos, tabus, sentimento de culpa e vergonha não prevaleçam sobre práticas seguras e uma vivência saudável da sexualidade.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Aloisio; BRANDÃO, Elaine Reis. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, [s. l.], v. 2, n. 14, p. 661–670, 2009.

ATLAS BRASIL. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. [S. l.], 2022. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BARBOZA, Jéssica Soares dos Anjos et al. Utilização de métodos contraceptivos entre discentes do curso de Enfermagem de uma Universidade do Nordeste. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 10, n. 4, p. e20410413886, 2021.

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 499–507, 2005.

BRASIL. LEI No 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasil: 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 11 jan. 2025.

BRITO, Gabriela. O mito da virgindade feminina: Um conceito falocêntrico e heteronormativo que deve ser desmistificado. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://medium.com/revista-brado/mulheres-o-mito-da-virgindade-feminina-8725caf015a7>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CRUZ, Mércia Santos; CARVALHO, Fabrícia Jóisse Vitorino; IRFFI, Guilherme. Perfil socioeconômico, demográfico, cultural, regional e comportamental da gravidez na adolescência no Brasil. *Planejamento e Políticas Públicas*, [s. l.], v. 46, p. 243–266, 2016.

DELATORRE, Marina Zanella; DIAS, Ana Cristina Garcia. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. *Revista da SPAGESP*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 60–73, 2015.

FONTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana Simões. Gravidez na Adolescência. *Ipea - Desafios do Desenvolvimento*, [s. l.], v. 7, n. Edição 60, 2010.

IBGE. PeNSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MEADE, Christina S.; KERSHAW, Trace S.; ICKOVICS, Jeannette R. The Intergenerational Cycle of Teenage Motherhood: An Ecological Approach. *Health Psychology*, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 419–429, 2008.

MENDONÇA, Rita de Cássia Magalhães; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista. Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, [s. l.], v. 63, n. 6, p. 1040–1045, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Marco legal : saúde, um direito de adolescentes. 1. ed. Brasília - DF: Editora MS, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. PNDS 2006 - Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher. Brasília - DF: [s. n.], 2008. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/pnds2006>. .

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Prevenção de gravidez na adolescência é tema de campanha nacional. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/fevereiro/prevencao-de-gravidez-na-adolescencia-e-tema-de-campanha-nacional>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MOLINA, Mariane Cristina Carlucci et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. *Mundo da Saúde*, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 22–31, 2015.

NASCIMENTO, Gabriela Tamirys Batista do et al. Dificuldades enfrentadas e fatores de risco associados à uma gestação na adolescência: uma revisão integrativa. *RECISATEC - Revista Científica Saúde e Tecnologia*, [s. l.], v. 1, n. 4, 2021.

PATIAS, Naiana Dapieve; DIAS, Ana Cristina Garcia. Sexarca, informação e uso de métodos contraceptivos: comparação entre adolescentes. *Psico-UFS*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 13–22, 2014. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br).

PORTELA, Nytale Lindsay Cardoso; ARAÚJO, Layana Pachêco. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. *Revista Univap, São José dos Campos-SP*, [s. l.], v. 19, n. 33, 2013.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria. Adolescência através dos Séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 227–234, 2010.

SOARES, Maria Cidney da Silva et al. Conhecimento masculino sobre métodos contraceptivos. *Rev Bras Promoç Saúde*, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 232–238, 2014.

SOARES, Sônia Maria et al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 48591, 2008.

SOUSA, Renan Rocha de Holanda; SOUZA, Ana Cláudia Ribeiro. “Florestamento” histórico do Campus Eirunepé do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: vultosos sujeitos que narram uma trajetória. Manaus: [s. n.], 2020.

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues. Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém-PA. SANARE (Sobral, Online)., [s. l.], v. 19, n. 1, p. 36–47, 2020.

TRONCO, Cristina Benites; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. Revista Interinstitucional de Psicologia, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 254–269, 2012.

UNFPA. Situação da População Mundial 2021. Brasília - DF: [s. n.], 2021.